

# O ATO DE LER NAS JORNADAS DE PERSONAGENS DE FICÇÃO: UMA ANÁLISE DE *FRANKENSTEIN* E *POBRES CRIATURAS*

## THE ACT OF READING IN JOURNEYS OF FICTIONAL CHARACTERS: AN ANALYSIS ON *FRANKENSTEIN* AND *POOR CREATURES*

Luísa Freitas dos Anjos<sup>i</sup>  
Cassiana Lima Cardoso<sup>ii</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta um estudo comparativo entre duas obras de arte: *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley (1818) e o filme *Pobres Criaturas* (2023), de Yorgos Lanthimos. A análise irá se debruçar nos processos de subjetividade dos protagonistas e seus encontros com a leitura, mostrando como esse encontro será decisivo para a jornada do protagonista e da heroína nas respectivas histórias. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o ato de ler como uma potente experiência subjetivadora, partindo das análises dos personagens e do enredo das obras. Também serão discutidos os conceitos de epifania e catarse em cada caso, assim como os efeitos desses recursos no leitor e espectador. O embasamento teórico reúne referências como Guattari e Rolnik (1996), Murdock (2022) e Petit (2009), que possibilitam afirmar a importância do ato de ler nos processos de subjetividade. Desse modo, a leitura se configura como um aspecto influente e decisivo na jornada desses personagens que, ao se tornarem leitores, também convidam o leitor e o espectador a refletir sobre si, a obra e o mundo, possibilitando uma experiência metaliterária e metafilmica instigante e transformadora a partir do exercício de reflexão sobre as formas de criação artística.

**Palavras-chave:** Frankenstein; Pobres Criaturas; leitura; processos de subjetividade.

**Abstract:** This paper presents a comparative study between two pieces of artwork: *Frankenstein; or the Modern Prometheus*, by Mary Shelley (1818) and the movie *Poor Creatures* (2023), by Yorgos Lanthimos. The analysis will focus on the protagonists' processes of subjectivity and their encounters towards reading, demonstrating how this encounter will be decisive for both protagonist and heroine's journey in their respective stories. In this context, this work aims to present the act of reading as a powerful subjectivizing experience, based on the characters' analysis and the works' plot. The concepts of epiphany and catharsis will also be discussed in each case, as well as the effects of these resources on the reader and spectator. The theoretical basis gathers references such as Guattari and Rolnik (1996), Murdock (2022) and Petit (2009), which allow us to attest the importance of the act of reading in the processes of subjectivity. Therefore, reading is configured as an influential and decisive aspect in the journey of these characters who, when becoming readers, also invite the reader and the spectator to reflect on themselves, the work and the world, enabling an instigating and transformative metaliterary and metafilmic experience based on the exercise of reflection about the forms of artistic creation.

**Keywords:** *Frankenstein; Poor Creatures; reading; processes of subjectivity.*

Submetido em: 24.5.2025

Aceito para publicação em: 27.6.2025



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

<sup>i</sup> Graduanda em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). *E-mail:* luisa.fanjos@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4104553201155664>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7698-1261>.

<sup>ii</sup> Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora adjunta na Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ-FFP). *E-mail:* cassilima@yahoo.com.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9997863474643636>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3334-1969>.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar a leitura como experiência, elemento transformador da pessoa/persona e sua potência de mediar processos de subjetividade. Trata-se de um trabalho de Teoria Literária, no qual são feitos estudos de personagens e exploração de enredos a partir das transformações vivenciadas ao longo de suas travessias e aprendizagens a cada peripécia e obstáculo enfrentado.

Para isso, serão analisadas duas obras de arte: o livro *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley e a narrativa filmica *Pobres Criaturas* (2023), dirigida por Yorgos Lanthimos. Essa escolha se deu pelo fato de que ambos os títulos trazem personagens inicialmente privados da leitura, e que se transformam a partir do contato com um texto ficcional. Tal encontro com a leitura é determinante para a jornada dos personagens, sendo um divisor de águas para as narrativas e também para a experiência do leitor. Trata-se de uma metaleitura, ler/ver personagens que também leem e, junto deles, ser atravessado por uma transformação. Sendo assim, essa observação pode revelar algumas maneiras acerca de como a literatura transforma suas visões de si e influencia o restante de suas jornadas.

Desse modo, para este trabalho, foi feito um recorte, tanto no livro como no filme, de modo a considerar os aspectos que dialogam com os tópicos de processos de subjetividade, a importância da leitura e do momento de catarse e epifania na jornada das personagens protagonistas. Num momento inicial, serão apresentadas as obras escolhidas para análise. Em seguida, serão colocados embasamentos teóricos da literatura e da psicologia, articulados de modo a reafirmar o papel da leitura nos processos de subjetividade. Os conceitos de catarse e epifania, bem como sua presença nas obras, são tratados logo depois.

Partindo dessa análise, portanto, procuro afirmar neste artigo que o ato de ler tem importância substancial para os processos de subjetividade, visto que o fenômeno de identificar-se, de enxergar-se ou não no outro, no personagem, pode provocar no leitor a realização do que se é e do que não se é, a partir das representações literárias.

## 2 APRESENTANDO *FRANKENSTEIN; OU O PROMETEU MODERNO*

*Frankenstein; ou o Prometeu Moderno* é um romance de Mary Shelley lançado na Inglaterra, em janeiro de 1818. Desde seu imediato lançamento até os dias atuais, mais de duzentos anos depois, o livro recebe as mais variadas críticas pelas temáticas apresentadas, que ainda suscitam discussões, questões e desdobramentos.

A obra, que experimenta diferentes possibilidades para narração, conta inicialmente a história de Victor Frankenstein, um jovem estudante de ciências naturais, aspirante a cientista e descobridor grandioso, que concebe a ideia de gerar vida a partir de impulsos elétricos em partes costuradas de cadáveres. Seguindo antigos princípios de alquimia e galvanismo, o estudante realiza seu experimento e torna-se, então, criador. No entanto, apavora-se diante do que criou, imediatamente rejeitando e abandonando sua Criatura à própria sorte no mundo. Desse acontecimento em diante, a criação de Frankenstein protagoniza a narrativa. A Criatura, que permanece sem nome ao longo de todo o romance, aprende a caminhar e segue em direção a um vilarejo, onde sofre diante do assombro e desprezo dessa população e passa a observar, em distância, suas práticas e costumes.

Narrando em primeira pessoa, a Criatura percebe como, mesmo sem participar efetivamente dessa sociedade, adquiriu consciência, conhecimentos linguísticos e comunicativos. No entanto, mesmo antes de se tornar apto a ler, considerava o conhecimento como algo de estranha natureza, que aumentava suas angústias, do qual desejava muitas vezes se libertar (Shelley, 2023, p. 144). Numa determinada oportunidade, surrupiou livros de uma casa e, por si só, aprendeu a ler.

Apesar de não detalhar como se deu a aquisição da leitura, a Criatura comenta que foi capaz de relacionar o que encontrou na forma escrita com os elementos linguísticos que já havia apreendido ao observar os moradores do vilarejo. Os livros, chamados de “tesouros”, que constituíram suas primeiras leituras são, além de tudo, obras que notavelmente influenciaram Mary Shelley em sua escrita: *Paraíso Perdido*, de John Milton; *Vidas Paralelas*, de Plutarco; e *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe. Esse encontro com a literatura foi determinante para que, inicialmente, o protagonista se desse conta da existência de sentimentos e pensamentos que o atravessavam, culminando na percepção de que sua personalidade era múltipla e profunda: “Sou incapaz de descrever o efeito de tais livros. Eles produziram em mim uma infinidade de novas imagens e sentimentos, que por vezes me elevavam ao êxtase, mas que com maior frequência me lançavam à mais profunda infelicidade” (Shelley, 2023, p. 150).

Posteriormente, a Criatura revela quais efeitos surgiram a partir da leitura e, como observou, pôde correlacionar o que via ou deixava de ver em si mesmo em comparação ao que encontrava nos livros. A Criatura também se torna influenciável pelos conteúdos que lê, como no momento em que reencontra Victor Frankenstein e pede a ele uma companheira, da mesma forma que Adão tinha a Eva, em *Paraíso Perdido*; quando alterna comparações entre Adão e Satã e a si próprio. A importância desse momento não vem apenas para corroborar o

papel fundamental na leitura para os processos de subjetividade, a noção de si mesmo e do outro, mas também para indicar os primeiros passos que a Criatura deu em direção a um momento epifânico, através de perguntas existenciais e filosóficas para as quais não encontrou respostas:

À medida que lia, contudo, eu analisava de forma muito pessoal meus próprios sentimentos e a minha condição. Via as semelhanças e, ao mesmo tempo, as estranhas diferenças entre mim e os seres sobre os quais lia e cujo diálogo testemunhava. Identificava-me com eles e em parte os compreendia, mas minha mente ainda não estava formada. [...] O que isso significava? Quem era eu? O que era eu? De onde havia vindo? Para onde ia? Essas perguntas eram recorrentes, mas eu era incapaz de respondê-las (Shelley, 2023, p. 150).

Ao longo do romance, fica nítido como a chegada da leitura na jornada do protagonista torna a narrativa mais transgressora, intimista e passível de identificação entre os próprios leitores. Shelley também apresenta a Criatura como uma personagem constantemente angustiada, reflexiva sobre suas origens, essência e destino, melancólica e por vezes cruel e raivosa. Pode-se considerar que essa personalidade reflete o que ela encontrou nos livros.

Entre os muitos temas que Shelley aborda em sua obra, é inegável a percepção transformadora da leitura. A própria autora, em seus anos de formação, conta com uma educação formal que raramente chegava a outras mulheres no mesmo contexto. As conexões mais próximas de Mary Shelley - desde seus pais, William Godwin e Mary Wollstonecraft, célebres nomes de ativismo político do século XVIII, até seu marido Percy Shelley e seu círculo social na vida adulta - refletem e transmitem a ela as inúmeras possibilidades que o acesso à leitura plena proporciona. Da mesma forma, em seu principal romance, Shelley transmite não apenas suas próprias referências literárias, como também submete seu protagonista ao mesmo processo.

### **3 APRESENTANDO *POBRES CRIATURAS***

Em dezembro de 2023, duzentos e cinco anos após o lançamento da primeira edição de *Frankenstein; ou o Prometeu Moderno*, é lançado o filme estadunidense *Pobres Criaturas*, dirigido por Yorgos Lanthimos. O filme é uma adaptação do romance homônimo de 1992 do autor escocês Alasdair Gray e, assim como o romance de Shelley, vem recebendo críticas que vão da aclamação ao desgosto, à indignação do público.

Gray, em seu romance, apresenta o personagem Godwin Baxter - cujo nome homenageia as origens de Mary Shelley - que, usando os mesmos princípios usados por

Victor Frankenstein, recupera o corpo de uma gestante que acabara de cometer suicídio, colocando, cirurgicamente, o cérebro do bebê no corpo da mãe. Bella Baxter é a protagonista dessa obra, e seus espectadores acompanham sua jornada de tomada de consciência como mulher num século XIX ficcional, que reúne realismo e fantasia.

Aqui, a trajetória de Bella é fortemente atravessada pela sua condição de mulher. Em sua casa de criação após seu renascimento, enquanto é vista pelo Dr. Godwin e seu discípulo Alex McCandles como um experimento científico, ela é instigada por eles a se desenvolver em seu próprio tempo e condições, através de contato com a educação e com a sociedade. No entanto, por sua mentalidade e ingenuidade em amadurecimento, ela é manipulada pelo advogado Duncan Wedderburn e é sequestrada por ele para uma longa viagem por partes da Europa e da África. Paradoxalmente, Duncan tenta se aproveitar da condição de Bella, mas acaba por colocá-la na direção de seu processo de autodescoberta e independência.

Essa viagem é crucial para a jornada de Bella, pois, a partir do que ela vivencia e descobre sobre o mundo e a sociedade, é capaz de entender mais sobre si mesma e as pessoas ao seu redor. Após conhecer outros viajantes e ser influenciada por eles, Bella simbolicamente se encontra com a leitura no meio de um vasto oceano. Essas mudanças se dão de forma gradual, como é observado na cena em que lê uma obra do autor transcendentalista Ralph Waldo Emerson e comenta, em tradução livre: “Ele fala do aperfeiçoamento dos homens; não sei porque não direciona seus conselhos às mulheres, talvez ele não conhecesse nenhuma.” As leituras abrem possibilidades para que Bella comece a se comunicar da mesma forma que os outros adultos e, além disso, para que ela crie opiniões próprias e críticas sobre si mesma e suas circunstâncias. Isso enfurece Duncan, que joga seu livro no oceano e passa a ameaçar Bella, que agora não representa mais a garota doce e ingênua da qual ele poderia se aproveitar e se beneficiar.

A partir do contato com a leitura, a protagonista torna-se cada vez mais consciente de sua realidade, mas sem perder o ímpeto de desafiar convenções sociais e superar as expectativas impostas a ela por ser mulher. Ela também passa a evocar suas leituras em determinados momentos, pois já consegue relacionar suas próprias vivências com o que leu nos livros, se identificando com personagens e histórias. Ao desembarcar em Paris, por exemplo, perdidos e sem dinheiro, Bella se lembra de outro aventureiro que passou pela mesma situação: Robinson Crusoé, personagem título do romance 1719, de Daniel Defoe. Para angariar fundos, ela recorre à prostituição como caminho mais rápido, sem saber, no entanto, tudo o que seus atos podem representar para a sociedade. Ela é humilhada e abandonada por Duncan, mas segue trabalhando na casa, onde conhece outras mulheres e

outras histórias que a inspiram, desenvolvem seus traços de personalidade e auxiliam nos próximos passos de sua jornada.

A trajetória de Bella toma outro impulso quando ela, já uma adulta formada, retorna para casa com a notícia do grave estado de saúde de Godwin, e recebe todas as informações sobre sua verdadeira origem. Ela refaz seus passos anteriores ao suicídio e toma consciência de si mesma e suas atribuições, chegando a pedir Max McCandles em casamento. No último ato do filme, o antigo marido de Bella ressurgue, um homem violento que interrompe o casamento e a quer de volta. Apesar de aceitar retornar para ele, Bella descobre sua natureza vil e, dessa vez, ao invés de ela mesma tirar a própria vida, ela assassina o homem, reescrevendo suas escolhas. Ela volta para a casa de Godwin e fica ao lado dele no momento de sua morte, e decide dar continuidade à clínica e aos trabalhos de seu criador, reunindo as boas pessoas que conheceu, suas próprias memórias e todas as possibilidades que a vida lhe apresenta.

*Pobres Criaturas* ressoa referências de *Frankenstein*; ou o *Prometeu Moderno* não tocando somente na temática de relação entre criador e criatura, mas na ousadia de levantar temas tabus e polêmicos para sua sociedade, além de sua colocação da leitura como um recurso potente para transformar a jornada externa e interna da protagonista. Bella Baxter é uma heroína transgressora que consegue vincular seu passado, presente e futuro contra todos os aspectos opressores e violentos que a rodeiam, e parte significativa dessa conquista se deve ao resultado que o contato com a leitura gerou em sua história.

#### **4 DISCUSSÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA DA LEITURA E PROCESSOS DE SUBJETIVIDADE**

“Por essência, a criação é sempre dissidente, transindividual, transcultural” (Rolnik, 1996, p. 36). Com essa citação, a filósofa brasileira Suely Rolnik possibilita uma perspectiva que entrelaça os tópicos apresentados neste trabalho. Nos primeiros capítulos do livro em que a autora escreveu com Félix Guattari *Micropolítica: cartografias do desejo* (1996), os autores se concentram nas temáticas de processos de subjetividade, especialmente sob a mediação da máquina operante do capitalismo. Inicialmente, é importante enfatizar a diferença entre *indivíduo* e *sujeito*. O indivíduo é forjado para os propósitos capitalistas, resultante de produção em massa, registrado em séries e modelos. Mas o sujeito é o indivíduo que assume o campo da subjetividade em suas vivências particulares e sociais. Os componentes da

subjetividade circulam entre os indivíduos e os fazem oscilar entre os extremos de alienação e repressão ou expressão e criação (Rolnik, 1996, p. 32-33).

É por isso que o ato de criar e expressar-se no mundo acaba na contramão do que é esperado para a manutenção capitalista. Desse modo, os processos de subjetividade operam como agentes que transformam os indivíduos em sujeitos. Afirmam os autores que tais processos são duplamente descentrados, ou seja, implicam a articulação tanto da natureza extrapessoal (estruturas econômicas, sociais, midiáticas) quanto da natureza intrapessoal (as sensações, percepções, afetos, estruturas corporais e biológicas).

Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade, renunciando totalmente à ideia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso, ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. (Rolnik, 1996, p. 34).

De modo semelhante, afirma Deleuze em *Empirismo e Subjetividade* (2001), aqui já utilizando de termos como “movimento” e “desenvolvimento”, que transmitem a ideia de processo. Se o sujeito se define como movimento, é preciso que esse movimento continue se agenciando entre os elementos de subjetividade que possibilitam a constante transformação e transcendência desse sujeito.

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete (Deleuze, 2001, p. 76).

A leitura é, portanto, um dos muitos componentes de subjetividade que atravessam os indivíduos em seus processos de tornarem-se sujeitos. Antes de desenvolver de que maneiras o ato de ler propriamente atua nesses processos, é preciso colocar que a leitura se trata de uma *experiência*. Para Jorge Larrosa Bondía (2002), as palavras, por si só, “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (Bondía, 2002, p. 20-21) e, portanto, todo ser humano está tecido de palavras e as atividades, e o que fazemos com elas refletem como damos sentido ao que somos e o que nos acontece. É a experiência é justamente o que nos passa, o que nos atravessa, e que, para isso, exige de nós uma abertura, uma receptividade. O sujeito leitor, ao dispor-se a ler um livro, abre suas páginas e, simbolicamente, também se abre para receber o que está contido nelas.

Nesse sentido, a experiência da leitura se relaciona tanto com vivências ocorridas anteriormente como com as vivências que ainda acontecerão, assim influenciando e fazendo parte ativamente desse processo como agente catalisador. Como afirma Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 9).

A leitura da palavra, bem como a leitura de ficção, em adição ao que explicita Paulo Freire, faz com que o sujeito leitor amplie suas perspectivas em relação a si mesmo e ao mundo. Mais do que isso, o ato de ler permite que o leitor se movimente e acesse o sensível em si, alcançando sua singularidade e se realizando psíquica e socialmente.

Nesse movimento subjetivador que é a experiência da leitura, são muitas as possibilidades que se sobrepõem e se entrelaçam diante, dentro e fora dos leitores. Michele Petit acrescenta uma ideia que se contrapõe à leitura como atividade solitária. Na verdade, são necessárias muitas pessoas para concretizá-la e garantir que gere efeitos.

A leitura favorece as transições entre corpo e psiquismo, dia e noite, passado e presente, dentro e fora, perto e longe, presente e ausente, inconsciente e consciente, razão e emoção. E entre o eu e os outros. É por meio de intersubjetividades gratificantes que surge o desejo de ler, e o ato de dividir é inerente à leitura como a todas as atividades de sublimação. Mesmo se leio sozinha no meu quarto, quando viro as páginas, quando levanto os olhos do livro, outros estão ali ao meu lado: o autor, os personagens cujas vidas ele narra ou aqueles que ele criou, se se tratar de uma ficção (e talvez aqueles que o inspiraram), os outros leitores do livro, de ontem e de amanhã, os amigos que dele me falaram ou a quem imagino que eu poderia recomendar. Mas também os que constituíram a minha vida ou que a compartilham hoje, cujos rostos, brincadeiras, traições ou generosidade estão prontos para aparecer nas entrelinhas. Sozinha, sou muito povoada dentro de mim mesma (Petit, 2009, n.p.).

A autora também apresenta a literatura como oferta de espaço. Considerando as trajetórias das personagens que estão sendo analisadas neste trabalho, é nítido que elas estavam em necessidade de um espaço para exercitarem suas subjetividades. A Criatura de Frankenstein, renegada e rejeitada desde suas primeiras memórias, encontra nos livros um espaço que permitiu identificar-se com as trajetórias de outros personagens, como Adão e Satã em *Paraíso Perdido*. Bella Baxter, por sua vez, além de articular suas leituras com suas próprias experiências e contextos sociais, também consegue, por meio dela, aprimorar seu senso crítico, como na leitura de Emerson.

Oral ou escrita, a literatura é uma oferta de espaço. [...] Antes de tudo, é talvez um espaço que é encontrado nas palavras lidas, de modo vital, ainda mais para quem não dispõe de nenhum lugar, nenhum território pessoal, nenhuma margem de manobra (Petit, 2009, n.p.).

Acompanhar a trajetória de personagens inicialmente privados de leitura e que, num momento crucial da narrativa, encontram-se com ela, pode surtir diferentes efeitos no leitor. Não há dúvida, porém, que essa metaleitura influencia tanto na experiência do leitor quanto na jornada dos personagens, que agora se vinculam a partir do ato de ler. Para Antônio Candido (1970), o enredo e as ideias de um romance se tornam vivos através da personagem, que exerce a importante função de representar a ligação entre o que é vivo e fictício. É também por esse motivo que os autores, ao longo dos séculos, preocuparam-se com a composição íntegra e concisa de seus personagens, já que eles acabam por servir à própria interpretação e percepção dos leitores. Como afirma o autor, a personagem:

[...] representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc. A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos. [...] Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (Candido, 1970, p. 51-52).

De forma semelhante, discorre Jacques Rancière (2012) acerca da ficção. Para o autor, a *ficção* “não é criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real.”<sup>1</sup>, mas tem o *real* como seu objeto, constituindo um espaço entrelaçando “o visível, o dizível e o factível.”<sup>2</sup>. Como uma via de mão dupla, “o real precisa ser ficcionado para ser pensado”<sup>3</sup>, pois é a partir das leituras de ficção que se forjam analogias, encontros e experiências que, por sua vez, operam agenciando os processos de subjetividade.

Além disso, as personagens analisadas neste trabalho representam um bom exemplo da teoria da *tábula rasa* de John Locke (1690), que afirma não haver princípios ou ideias inatos na mente humana, e que é a partir da experiência que todo o conhecimento e sensações se iniciam e se derivam. Desse modo, a alma humana seria como um papel em branco que é preenchido conforme as experiências humanas são vividas. Apesar das críticas à teoria de Locke quanto à desconsideração de fatores genéticos e à abertura para atitudes discriminatórias, é inegável sua influência no período em que Shelley escreveu *Frankenstein*, obra que, por sua vez, influenciou *Pobres Criaturas*.

---

<sup>1</sup> Rancière, 2012, p. 64.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 58.

Outro aspecto observável comum a ambas as protagonistas é que elas não vivenciaram a infância tida como “comum” e, cada uma a seu modo, experimenta uma “infância tardia”, já dentro de corpos adultos, que se soma à uma inserção social dolorosa e incompreendida. A infância seria, a princípio, o período em que ocorrem os primeiros contatos com a sociedade, a partir da família, da criação com determinados princípios. Bella e a Criatura não foram privados apenas da leitura, mas de toda uma criação específica para seu contexto sociocultural, o que acabou por se tornar uma forte característica em suas personalidades. Reforçando a importância da leitura em tais casos, afirma Petit:

Em situações de crise, a leitura é, dessa forma, uma via privilegiada para recuperar a experiência da criança que, em um ambiente calmo, protetor, estético entre a sua mãe e ela, "trabalha" por meio do jogo a separação, se restabelece, e se emancipa. E isso em todas as idades (Petit, 2009, n.p.).

A jornada de Bella Baxter, particularmente, apresenta aspectos mais voltados à realidade feminina. Maureen Murdock (1990) propõe uma alternativa à jornada do herói formulada por Joseph Campbell (1949). Focada na trajetória feminina, Murdock, em sua obra *A Jornada da Heroína*, volta-se à dimensão psíquica e emocional nas trajetórias de personagens femininas. Trata-se de uma questão intrigante, já que Bella, que inicialmente morre durante a gestação, volta à vida sem nenhuma participação feminina, e cresce numa casa em que as mulheres exerciam apenas funções domésticas sem destaques. Toda sua gestação e criação anterior ao suicídio se perde quando o Dr. Godwin a traz de volta à vida. De maneira semelhante, a Criatura de Frankenstein, montada a partir de retalhos de corpos masculinos, vem à vida também sem nenhuma participação feminina. Ao longo do romance de Shelley, as figuras femininas são colocadas ou como vítimas de uma situação cruel, ou como alvos do desejo masculino, inclusive por parte da própria Criatura, que pede por uma companheira ao reencontrar seu criador.

É justamente o processo de tomada de consciência de Bella sobre sua realidade e seu contexto enquanto mulher que a conecta à jornada da heroína de Murdock. A separação do feminino é a primeira das dez etapas, e é simbolizada pelo renascimento de Bella, já sem presenças femininas. Ela se afasta do que é socialmente visto como feminino e se aproxima do visto como masculino, buscando por autonomia, independência e prazer, o que representa a segunda etapa. Em sua viagem, ela passa pelas terceira e quarta etapas ao enfrentar desafios sociais e emocionais, mas, ao vencê-los, percebe que sabe pouco sobre si mesma e fica insatisfeita. Bella então se dá conta de que sua liberdade no mundo não se sustenta sem a

própria compreensão de si, e confronta sua vulnerabilidade e aspectos mais profundos, concluindo a quinta e sexta etapas. É o momento em que a personagem acolhe a leitura. Chegando às etapas sete e oito, busca por aspectos que antes ela havia rejeitado, Bella exerce sensibilidade e empatia, mas agora sem perder sua autonomia conquistada e sem deixar de se reconhecer como mulher na sua sociedade. Para passar pela nona etapa, ela se reconcilia com os aspectos masculinos ao compreender o sistema patriarcal sem, entretanto, curvar-se a ele como era esperado - e estabelecendo relações sadias com os homens ao seu redor. Finalmente, Bella chega à última etapa integrando todos os aspectos que desenvolveu em sua jornada, garantindo equilíbrio interno e externo. Dessa forma, é possível que um corpo feminino com consciência de si consiga compreender a relação de ser e estar num mundo patriarcal.

A teoria de Murdock (1990) possibilita um olhar articulado tanto com possíveis realidades femininas quanto com configurações advindas de mitos antigos, especialmente da cultura greco-romana. No que diz respeito às etapas da jornada da heroína e à própria trajetória de Bella, é notável sua aproximação simbólica com deusas como Atena e Perséfone. Num primeiro momento, Bella (em corpo adulto e mentalidade infante) volta à vida pelas mãos e habilidades de Godwin, como se fosse um resultado de seus estudos e capacidades mentais; em sua criação, distante da realidade considerada feminina, ela se mantém “limitada” aos aspectos masculinos e às expectativas dos homens sobre ela. Atena nasce diretamente do cérebro de Zeus, já adulta, e seu mito faz poucas referências à sua mãe, Métis. Atena é estabelecida como a deusa da sabedoria e estratégia técnica em batalha - contrapondo-se ao seu irmão Ares, o deus da guerra brutal e violenta -, uma divindade justa e virginal, que nunca teve amantes nem se casou.

Posteriormente, os passos de Bella se aproximam do trajeto de Perséfone, principalmente após seu sequestro por Hades. Diferentemente de Bella, Perséfone inicia seu mito como Koré, a donzela virgem filha de Deméter, deusa dos grãos e agricultura. Koré e Deméter são muito próximas e interligadas, até o momento em que Koré é sequestrada por Hades, enquanto ela colhia flores no campo. Ao chegar no submundo e provar as sementes de romã oferecidas pelo deus do submundo, casa-se com ele e transforma-se em Perséfone, rainha do mundo dos mortos. Durante o período em que esteve lá, Deméter procurou incansavelmente pela filha, cessando todo florescimento e frutificação na terra até que a encontrasse. Quando Perséfone subiu aos campos novamente, ficou acordado que ela passaria metade do ano com a mãe e metade com o marido, configuração que justifica, para a mitologia grega, as estações do ano.

Bella é sequestrada e, a partir disso, faz seu próprio movimento de descida e subida da forma simbólica, mas que possibilitam a ela uma potente transformação interna, pois ela rompe com seu núcleo familiar e encara outros contextos ao seu redor. Nesse processo, é quando a personagem se depara com a leitura, é que Bella vai forjando seu modo de existir, de pensar e compreender a si e ao mundo ao seu redor.

Pode-se deduzir, assim, que o encontro com a leitura nesse caminho foi determinante para sua percepção de si e dos outros. Por consequência, caso essas protagonistas não fossem expostas à leitura, é perfeitamente possível que suas histórias não se desenrolassem do mesmo modo, ou até mesmo que seguissem em prejuízo, já que elas geraram efeitos notáveis em suas jornadas.

Desse modo, ao considerar a leitura como agente catalisador para os processos de subjetividade, entendemos que não se trata de uma ação passiva e solitária, mas que promove ao leitor uma experiência de *epifania*. Já com narrativas filmicas, o espectador, assim como o leitor, chega à revelação que antecipa o momento catártico. Vejamos, então, de que maneiras encontramos esses dois conceitos nas obras analisadas.

## 5 AS IDEIAS DE EPIFANIA E CATARSE NAS OBRAS SELECIONADAS

A palavra *epifania* deriva do grego para representar um momento de súbita realização e compreensão que alguém pode alcançar acerca de algo. Os campos da filosofia, da religiosidade e, posteriormente, da literatura, acolheram o conceito de epifania, cada qual a seu modo. É a William Wordsworth, poeta inglês contemporâneo de Mary Shelley, também referenciado por ela em *Frankenstein*, que se atribuem os primeiros passos da ideia de epifania na literatura. Wordsworth (1850) cunhou a expressão *spots of time* (pontos de tempo) para se referir a momentos emocionalmente importantes na vida de uma pessoa que detêm forte poder imaginativo e que, de acordo com o poeta, precisam ser expressos em poesia para não serem esquecidos. Santos (2023) afirma que a descrição de tais *spots of time* se aproximam do que hoje consideramos epifania.

Apesar da epifania na literatura ter tido um capítulo significativo durante o período modernista, especialmente, na língua inglesa, com James Joyce e Virginia Woolf, a manifestação modernista, porém, chegou praticamente um século depois das considerações de Wordsworth que, por sua vez, vieram décadas depois do lançamento de *Frankenstein*. Essa diferença temporal entre as teorias sobre a epifania não impede, contudo, que elas sejam encontradas nas obras analisadas.

Pode-se, então, considerar que a Criatura de Victor Frankenstein experimenta a epifania quando percebe a forma que a leitura o afeta. A descrição feita por ela, já mencionada anteriormente neste trabalho, reforça a ideia de que, de fato, viveu um momento epifânico: “Sou incapaz de descrever o efeito de tais livros. Eles produziram em mim uma infinidade de novas imagens e sentimentos, que por vezes me elevavam ao êxtase, mas que com maior frequência me lançavam à mais profunda infelicidade” (Shelley, 2023, p. 150).

Enquanto isso, a palavra *catarse*, que também se origina do grego, representa a ideia de purificação. Foi Aristóteles, em sua obra *Poética*, quem apresentou a ideia de catarse como a descrição de uma potente experiência emocional que atinge os espectadores das tragédias. Tal fenômeno pode ser tão intenso que o espectador, ao se identificar e se reconhecer no que vê encenado, passa por um processo de purificação emocional, resultando num equilíbrio pacífico. Atualmente, com mídias audiovisuais e cinematográficas, é possível comparar, também, a experiência da catarse ao acompanhar narrativas seriadas e filmicas.

Em *Pobres Criaturas*, a catarse não se restringe ao espectador do filme, que pode ser afetado de diversas maneiras. A própria Bella, ao sair de seu núcleo familiar, se depara com paisagens, pessoas, visões, realidades transformadoras para sua trajetória, experimentando a catarse. Como exemplo, quando o navio atraca na cidade de Alexandria, a protagonista conhece a pobreza e a desigualdade que ela ainda não havia conhecido na Europa, terra colonizadora no século XIX. Bella se afeta profundamente com a visão da dor e da miséria, tanto que dá praticamente todo o seu dinheiro às pessoas que lhe pedem.

Ela é extremamente julgada e repreendida por isso, mas é possível entender um pouco mais de sua personalidade sensível, empática e justiceira. A partir daí e, até o final do filme, nota-se que Bella se torna consciente de questões sociais que são estruturais, que dizem respeito ao coletivo - e tenta confrontá-las e resolvê-las -, como resultado de uma experiência catártica.

Pode-se dizer, portanto, que, de forma semelhante à epifania em *Frankenstein*, a catarse insurge de dentro da obra, atravessando desde os personagens até os leitores e espectadores, culminando numa reconfiguração e transformação dos envolvidos a partir dessas experiências. Os textos ficcionais e o roteiro forjam as personagens de Bella e da Criatura como, entre outras atribuições, uma alegoria que representa seres feridos, incompreendidos e rejeitados. Ao se sentirem acolhidos pelo que leem e vivem no mundo, entendem-se como mais capazes, sociáveis, compreendendo mais sobre sua própria essência e sobre o que os rodeia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, neste breve estudo, discorrer sobre como a leitura pode mediar e influenciar processos de subjetividade, contribuindo fortemente para o movimento de transformação de indivíduos para sujeitos. O encontro dos personagens analisados com a leitura não é um aspecto despercebido, nem mesmo impensado pelos autores e roteiristas, mas sim um momento decisivo para suas trajetórias.

A Criatura de Frankenstein, inicialmente abandonada, rejeitada e reprimida a partir de suas diferenças, encontrou, na leitura: personagens com quem se identificou; narrativas que o auxiliaram a entender seus sentimentos e suas percepções sobre si mesmo e a sociedade; além de aprimorar sua comunicação e adquirir conhecimentos. De forma semelhante, Bella Baxter alcançou tais atribuições e, sobretudo, percorreu sua própria jornada da heroína até estabelecer um equilíbrio pacífico interna e externamente, entendendo como existir sendo mulher numa sociedade patriarcal.

Fica evidente que, a partir desse encontro, não se pode mais compreender o andamento e os deslocamentos da narrativa sem levar em consideração que os protagonistas transformaram-se. É também o momento em que ficam evidentes as ideias de epifania e catarse, bem como a forma que se articulam dentro e fora do livro e do filme. Desse modo, pudemos demonstrar a veracidade do papel da leitura em diferentes suportes e atravessamentos.

Ao abrir um livro, o personagem convida também o leitor e espectador a fazer o mesmo junto com ele, refletindo sobre si próprio, sobre a obra e sobre o mundo. O elemento do livro simboliza o espelho e a janela numa metaleitura: lemos personagens leitores e, junto com eles, atravessamos os capítulos reais e ficcionais, deslocando-nos entre fronteiras, expandindo para dentro e para fora. Longe da passividade, a leitura se coloca como uma experiência que demanda abertura, atividade e espaço para essa transformação, mas que retribui com a potência de quem somos e podemos ser.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo; Editora 34, 2015.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20–28, jan. 2002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 fev. 2025.

CANDIDO, A. *et al.* *A Personagem de Ficção*. São Paulo, Perspectiva, 2ª ed. 1970.

DELEUZE, G. *Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2001.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MURDOCK, M. *A Jornada da Heroína: a busca da mulher para se reconectar com o divino*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2022.

PETIT, M. *A Arte de Ler: ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

*POBRES Criaturas*. Direção de Yorgos Lanthimos. Irlanda: Searchlight Pictures, 2023. DVD (2h21m).

RANCIÈRE, J. *O espectador emancipado*; Tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SANTOS, A. C. C. *Voo breve sob o sol: da epifania ao poema*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023.

SHELLEY, M. *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno*; 1ª ed.. Tradução Martha Argel, Humberto Moura Neto. - São Paulo: Sebo Clepsidra; Aetia Editorial, 2023.